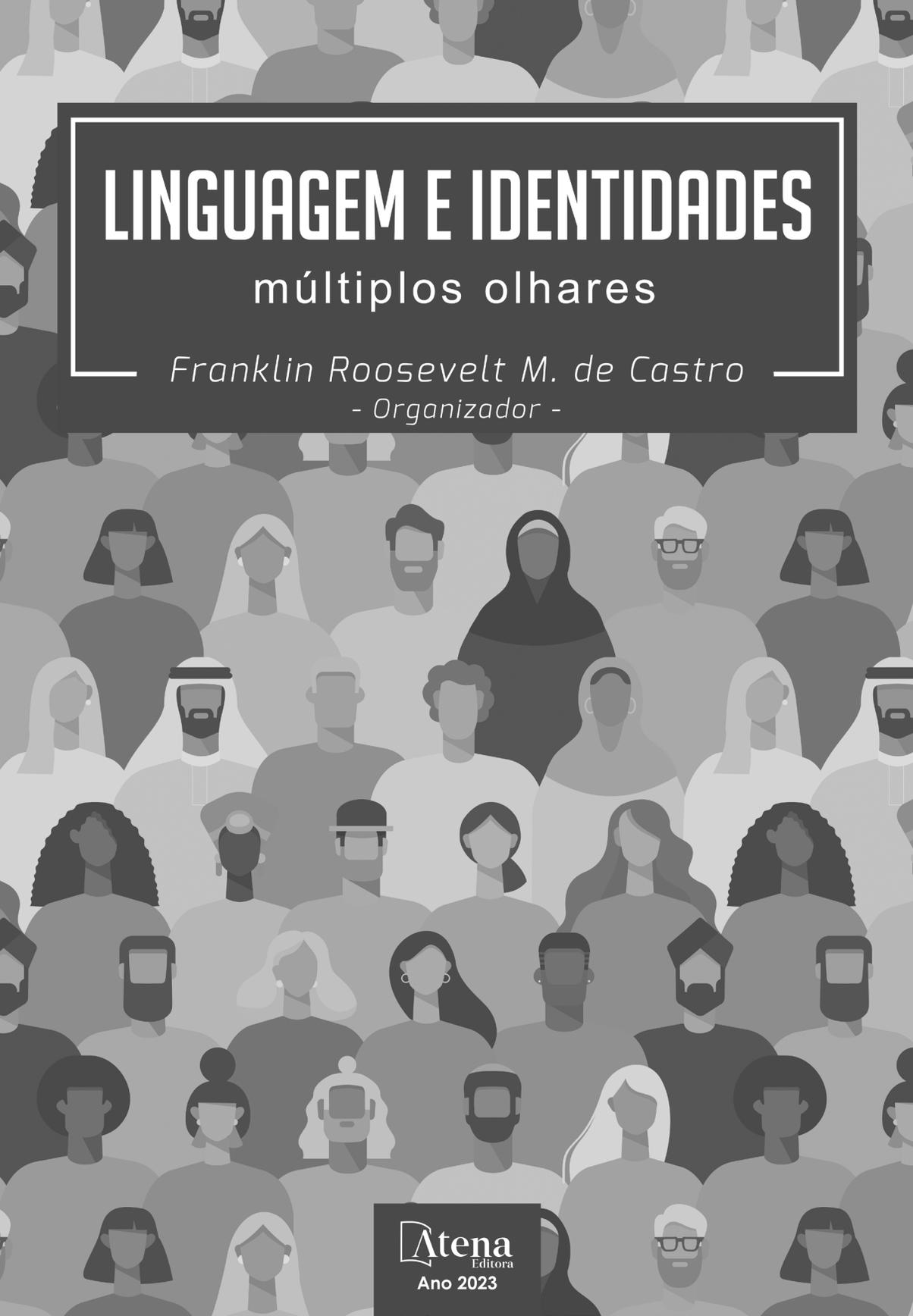


LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro
- Organizador -

Atena
Editora
Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro
- Organizador -

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguagem e identidades: múltiplos olhares

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Franklin Roosevelt Martins de Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguagem e identidades: múltiplos olhares / Organizador
Franklin Roosevelt Martins de Castro. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0910-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.106233101>

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Identidade. 4.
Linguagem. I. Castro, Franklin Roosevelt Martins de
(Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

As identidades são complexas e dinâmicas em um mundo globalizado e marcado pela diversidade cultural, política e social. Este livro busca oferecer aos leitores uma visão ampla da intrincada relação entre linguagem e identidade. Como nossas práticas de linguagem constituem e são constituídas pelas nossas identidades?

Da Literatura, às atividades escolares; do nosso modo de falar ao modo como nos percebemos, o livro “Linguagem e identidades – múltiplos olhares” reúne sete textos que ao estilo de uma sinfonia, expressa um tom e um instrumento de olhar e escuta. Os capítulos podem ser lidos individualmente sem afetar a visão geral, ou podem seguir uma sequência. Há quatro capítulos dedicados a refletir a respeito das identidades linguísticas seja por uma visão sociofonética descrita por Beatriz Freire, ou por Emerson Brandão e Franklin Castro ao interpretarem a autopercepção da fala de moradores da cidade de Parintins – AM. Na esteira das línguas indígenas, Marlon Azevedo nos expõe a visão etnolinguística sobre o povo Sateré-Mawé, localizado do Baixo Amazonas, e o quanto a preservação das línguas originárias são um patrimônio imaterial incalculável. Luiz de Carvalho se debruça sobre as práticas linguísticas nas escolas, e modo como elas constituem papéis sociais e promovem identidades autônomas aos cidadãos de múltiplos letramentos.

Quando se trata da Literatura e a construção de identidades, deparamo-nos com o capítulo de Sahmaroni Rodrigues que se pergunta sobre a escritura de autor e os diversos fios discursivos que se amalgamam em sua subjetividade autoral. Joiciany Sarmento, em sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Letras ergue o volume das vozes do feminismo, com destaque às escritoras negras, em especial Carolina de Jesus. Quem são estas mulheres? Qual é o seu lugar de fala? Estas perguntas norteiam o texto das autoras. Por fim, Delma Sicsú e Danglei Castro nos presenteiam com uma reflexão sobre o tema da morte na Literatura Indígena de Yaguarê Yamã. Não há mais espaço para uma academia que silencia mulheres pretas e escritores indígenas. O texto dos autores é uma visibilização das vozes das florestas e de toda a sua riqueza cultural, cosmológica e científica. O que deixamos de aprender com os povos do Brasil?

Desejamos que estes textos cheguem a todos os leitores e pesquisadores ávidos por novas maneiras de existência, pautadas no Amor, no Respeito, e na Diversidade.

Franklin Roosevelt Martins de Castro
Parintins, 08 de novembro de 2022

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO	
Beatriz Funayama Alvarenga Freire	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331011	
CAPÍTULO 2	17
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA PARINTINENSE	
Emerson Lopes Brandão	
Franklin Roosevelt Martins de Castro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331012	
CAPÍTULO 3	31
LÍNGUA E LINGUAGEM DO POVO INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ NO MÉDIO AMAZONAS	
Marlon Jorge Silva de Azevedo	
Andrew Ira Nevins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331013	
CAPÍTULO 4	45
OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MINERVINA REIS FERREIRA, PARINTINS/AM.	
Luis Alberto Mendes de Carvalho	
Tatiana Oliveira Pereira	
Claudenilza Bezerra de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331014	
CAPÍTULO 5	60
“NÃO SOU ESCRITORA, EU ESCREVO”: LITERATURAS SUBTERRÂNEAS, TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS	
Sahmaroni Rodrigues de Olinda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331015	
CAPÍTULO 6	75
A REPRESENTAÇÃO E AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO	
Joiciany Melo Sarmiento	
Delma Pacheco Sicsú	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331016	
CAPÍTULO 7	90
O EFEITO ESTÉTICO DA MORTE EM QUATRO NARRATIVAS DA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE	
Delma Pacheco Sicsú	
Danglei de Castro Pereira	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331017>

SOBRE OS AUTORES 109

LÍNGUA E LINGUAGEM DO POVO INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ NO MÉDIO AMAZONAS

Data de aceite: 26/12/2022

Marlon Jorge Silva de Azevedo

Mestre em Linguística, Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. Professor efetivo em nível superior pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, lotado no Centro de Estudos Superior de Parintins - CESP. E-mail: profmarlonjorge@gmail.com

Andrew Ira Nevins

Doutor em Língua pelo Massachusetts Institute of Technology, Professor titular visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UFRJ, e Professor titular na University College London. Email: andrewnevins@letras.ufrj.br

1 | INTRODUÇÃO

A situação linguística no Brasil é repleta de um paradoxo³. Por um lado, o Brasil é um dos países com maior homogeneidade linguística do mundo, pois pelo menos 98% de sua população é falante nativa de português, sendo a grande maioria monolíngue. Por outro lado, o Brasil é um dos países com maior diversidade linguística do planeta. Existem cerca de

50 línguas de imigrantes, sendo as mais antigas o alemão, o italiano e o japonês; e os mais recentes incluem o crioulo haitiano e variantes do espanhol sul-americano (AZEVEDO, 2015).

No entanto, a maior riqueza linguística do país está concentrada na região amazônica e no Planalto Central. Existem pelo menos 180 línguas indígenas pertencentes a mais de vinte grupos genéticos diferentes. Infelizmente, a maioria das línguas indígenas do Brasil está agora seriamente ameaçada. Muitos deles são aperfeiçoados apenas pelos membros mais velhos de sua comunidade linguística. Além disso, muitos povos indígenas já perderam sua língua nativa. Arion Rodrigues fez a seguinte avaliação das línguas indígenas do Brasil no final do século passado:

[A maior língua indígena] não alcança 20.000 membros (tikúna). Com mais outras três (makuxí, teréna, kaingáng), constituem um grupo de quatro que contam com 10.000 membros ou mais. Outras vinte minorias linguísticas indígenas têm

entre 1.000 e 10.000 falantes. As outras 156 línguas indígenas são faladas por menos de 1.000 pessoas cada uma. Em qualquer parte do mundo, elas seriam consideradas línguas fortemente ameaçadas de extinção. Quarenta dessas são faladas por menos de cem pessoas (RODRIGUES, 1993, p. 100).

Apesar de nas últimas décadas terem sido tomadas medidas para preservar e até mesmo reviver as línguas dos povos indígenas, reforçadas pelos processos de educação bilíngue, o quadro geral é muito desfavorável. Isso leva a uma necessidade urgente de pesquisas para descrever e documentar as restantes línguas indígenas do Brasil. Por outro lado, a situação linguística dos povos indígenas do Brasil também é de grande interesse para o estudo de outros objetos, em especial as variantes da língua portuguesa faladas por esses povos.

2 | HISTÓRIA DO POVO SATERÉ-MAWÉ

Eles se autodenominam Sateré-Mawé. A primeira palavra, Sateré, significa “lagarta ardente”, uma referência ao clã mais importante da sociedade, que tradicionalmente nomeia o sucessor do chefe político do grupo. A segunda palavra, Mawé, significa “papagaio inteligente e curioso” e não é uma designação de clã. Os Sateré-Mawé são chamados simplesmente de Mawé na região. Receberam vários nomes, dados por cronistas, pioneiros, missionários e naturalistas: Mavoz, Malrié, Mangnés, Mangnês, Jaquezes, Magnazes, Mahués, Magnés, Mauris, Mawés, Maragná, Mahué, Magneses, Orapium (TAVARES, 2021).

Os Sateré-Mawé vivem na região do médio rio Amazonas, na divisa dos Estados do Amazonas e do Pará. Com área total de 788.528 hectares, seu território está localizado nos municípios de Maués, Barreirinha, Parintins, Itaituba e Aveiro, situados nos dois Estados. Segundo estimativa da Funai (Fundação Nacional do Índio, órgão oficial da política indigenista no Brasil), os Sateré-Mawé eram 4.710 em 1987. Desde então, ocorreu um crescimento populacional considerável, onde em 2014 a população total estimada era de 13.350 Sateré-Mawé, habitando 73 aldeias (CARNEIRO; COLARES; SOUSA, 2021).

De acordo com as tradições orais compartilhadas pelos anciões da tribo, os ancestrais Sateré-Mawé viviam na vasta área localizada entre os rios Madeira e Tapajós, as ilhas Tupinambaranas no rio Amazonas ao norte e as cabeceiras do Tapajós ao sul. Os Sateré-Mawé referem-se ao seu local de origem, onde vivem seus heróis míticos, pelo nome de Noçoquém. Localiza-se na margem esquerda do Tapajós, numa região rochosa de mata fechada, “onde as rochas falam” (SPOLADORE, 2011).

Os Sateré-Mawé tiveram seu primeiro contato com homens brancos quando os jesuítas fundaram a Missão Tupinambaranas, em 1669. Segundo Bettendorf, em 1698 os Andirá receberam o padre João Valladão como missionário. Em 1692, após terem matado

alguns homens brancos, o governo colonial declarou “guerra justa” (legal, justificada) contra eles, o que foi parcialmente evitado pelos índios porque, informados com antecedência, a maioria deles fugiu, de modo que apenas uns poucos ofereceram resistência (MIQUILES; CASTRO, 2022).

Desde o contato com o homem branco – e mesmo antes disso, devido às guerras contra os Munduruku e Parintintim – o território ancestral dos Sateré-Mawé foi consideravelmente reduzido. Quando eclodiu a mais importante insurreição da Amazônia contra a cabanagem (o governo central após a independência do Brasil) em 1835, os Munduruku, os Mawé (dos rios Tapajós e Madeira) e os Mura (do rio Madeira), juntamente com os grupos indígenas do Rio Negro se juntou aos rebeldes Cabanos e se rendeu apenas em 1839. Epidemias e perseguições atroztes contra os grupos indígenas que se aliaram aos insurgentes devastaram grandes áreas da Amazônia, expulsando esses índios de seus territórios tradicionais ou reduzindo seu número (SILVA, 2010).

Relatos de viajantes confirmam que houve de fato uma redução territorial a partir do século XVIII, e mencionam a área entre os rios Marmelos, Sucunduri, Abacaxis, Parauari, Amana e Mariacua como território tradicional dos Sateré-Mawé. Esses relatos confirmam também que as cidades de Maués e Parintins, no Estado do Amazonas, e Itaituba, no Pará, foram construídas sobre sítios Sateré-Mawé, que coincidem com passagens da história oral desse povo (RODRIGUES, 1993).

Pensando em termos de macroterritório, a ocupação da Amazônia pelos “civilizados” – a palavra que os Sateré-Mawé usam para designar todos aqueles que não são Sateré-Mawé nem pertencem a outro grupo indígena (ou seja, caboclos, ou mestiços, homens brancos, estrangeiros) – reduziu significativamente seu território tradicional. Primeiro foram as missões militares, jesuítas e carmelitas; depois veio o ciclo econômico dos produtos florestais; em seguida, extração de borracha; e, por fim, a expansão dos municípios de Maués, Barreirinha, Parintins e Itaituba para o interior, com o estabelecimento de fazendas, a extração do pau-rosa (pau-rosa) e a abertura de campos de prospecção mineral, bem como o controle das terras indígenas economia através doregatões (comerciantes que percorrem os rios da Amazônia) (SANTOS; CARVALHO, 2022).

Conforme Azevedo (2015), em 1978, quando se iniciou o processo de demarcação do território Sateré-Mawé, as aldeias, sítios, roças, cemitérios e os territórios de caça, pesca, coleta e perambulação localizavam-se entre e nas proximidades dos rios Marau, Miriti, Urupadi, Rios Manjuru e Andirá. Os Sateré-Mawé consideravam aquela área sua, embora soubessem que não passava de uma pequena porção do que havia sido seu território tradicional. Para eles, uma parte privilegiada de seu território havia sido mantida.

Ressalte-se também que, a partir da década de 1970, o movimento migratório em

direção a Manaus aumentou. Em 1981, o antropólogo Jorge Osvaldo Romano contabilizava 88 Sateré-Mawé vivendo em bairros pobres da periferia da cidade. No final da década de 1990, o número cresceu significativamente, e cerca de 500 Sateré-Mawé viviam em diferentes conjuntos habitacionais na orla oeste de Manaus. Essa população urbana vive, na maioria das vezes, da venda de artesanato aos turistas (TAVARES, 2021).

De acordo com Carneiro, Colares e Sousa (2021), a língua falada pelos Sateré-Mawé faz parte do ramo linguístico Tupi. Segundo o etnógrafo Curt Nimuendaju (1948), difere dos Guarani-Tupinambá. Os pronomes são os mesmos da língua Curuaya-Munduruku, e a gramática é, ao que parece, Tupi. O vocabulário mawé contém elementos totalmente diferentes do tupi, não podendo ser relacionado a nenhuma outra família linguística. Desde o século 18, seu repertório inclui muitas palavras da língua geral (a língua falada no Brasil colonial até o final do século 18, uma mistura de línguas indígenas e portuguesas).

Hoje a maioria dos homens Sateré-Mawé são bilíngues – falam sua própria língua e português; as mulheres, por outro lado, tendem a falar apenas Sateré-Mawé, apesar dos três séculos de exposição do povo à sociedade nacional.

As áreas em que vivem os Sateré-Mawé são chamadas de sítios. Neste espaço cada unidade familiar tem a sua residência, onde a peça central unificadora é uma fogueira utilizada tanto para cozinhar como para aquecer os moradores. Uma cozinha separada fica a meio caminho entre a casa e o rio, onde os homens assam o guaraná e as mulheres preparam a mandioca. Eles também têm seu porto (porto) ou iagarapé (pequena hidrovia), como chamam o local onde os familiares tomam banho, lavam roupa, demolham mandioca, lavam guaraná e desembarcam suas canoas (SPOLADORE, 2011).

Os Sítios também abrigam todos os campos da unidade familiar: os campos de guaraná e as roças (campos de plantio) de mandioca, abóbora, inhame, batata-doce, além dos pomares. Sítios são domínios privados em que a terra e outros recursos naturais são tomados por unidades familiares, que se submetem à autoridade do chefe do grupo familiar, tradicionalmente considerado seu proprietário.

Os Sateré-Mawé são organizados sob a autoridade do chefe da família extensa, que mora no sítio junto com as famílias de seus filhos e netos. Ele dirige e organiza as atividades econômicas de seus filhos e genros e a produção agrícola do sítio. Além disso, ele determina a quem pedir ajuda, quando necessário. Isso pode incluir expedições de caça e pesca, bem como assar mandioca para fornecer alimentos aos participantes das atividades coletivas. Durante o trabalho, o cacique acompanha de perto todas as operações, desde o corte das roças de mandioca e guaraná, a capina dos campos de guaraná, até o beneficiamento do guaraná. Ele também auxilia na venda da produção agrícola e manufatureira de seus parentes (MIQUILES; CASTRO, 2022).

Assim, o sítio é o *latu sensu*, a unidade básica da organização política e econômica Sateré-Mawé. Pode tornar-se aldeia quando aumenta o número de unidades familiares ou quando, independentemente disso, um de seus membros passa a ser considerado tuxaua (chefe). Isso pode ocorrer se ele for reconhecido por sua generosidade, ou por suas habilidades em transações comerciais, ou por suas boas relações com outros tuxauas (SILVA, 2010).

Atualmente, o traçado da maioria das aldeias Sateré-Mawé é semelhante ao das pequenas cidades da região. Dentro das aldeias estão os sítios, as igrejas de várias denominações, a escola e a enfermaria. Ao redor das aldeias estão as roças de mandioca, os campos de guaraná, os pomares e as demais áreas plantadas que pertencem a cada unidade familiar.

2.1 Cultura e Tradições

A principal expressão da rica cultura material dos Sateré-Mawé é o *teçume*, que é como chamam os artesanatos feitos pelos homens com talos e folhas de caraná, arumã e outras plantas amazônicas, como peneiras, cestos, tipitis (espécie de cilindro usado para espremer o veneno da mandioca brava), leques, bolsas, chapéus, paredes, telhados etc.

Crucial e central para a cosmologia Sateré-Mawé é o *Porantim*, um cajado de madeira de aproximadamente 1,50 metros, esculpido com figuras geométricas pintadas de branco. Em forma é mais próximo de um remo esculpido e seus atributos são espirituais e sociais; um equivalente indígena da Constituição dos EUA e da Bíblia Sagrada, é considerado como tendo poderes mágicos, como prever o futuro. Também é usado para resolver disputas internas e tem gravado nele tanto o mito de origem quanto o mito da guerra, os primórdios da história Sateré-Mawé. Como tal, o *Porantim*, em todo o seu esplendor de madeira, é considerado a instituição máxima, representando as esferas política, judicial, religiosa e mítica da cultura tribal (RODRIGUES, 1993).

De acordo com o mito de origem Sateré-Mawé, eles se consideram os inventores da cultura do guaraná. Originária do planalto da bacia do rio Maués-Açu, a usina está localizada justamente no território tradicional Sateré-Mawé, justificando essa crença histórica da tribo como os “Filhos do Guaraná”. Os Sateré-Mawé transformaram a *Paullinia cupana*, uma trepadeira silvestre da família Sapindacea, em um arbusto cultivado, e dominaram seu plantio e beneficiamento.

Um rito de passagem espetacular, assustador e tradicional na cultura Sateré-Mawé é a picada intencional de formiga-bala, usada como meio de provar aos jovens o valor da tribo. Ingressam na Dança da Tucandeira, como é chamada a cerimônia, porque buscam a autoconfirmação.

As formigas, primeiro, ficam inconscientes submergindo-as em um sedativo natural

e, em seguida, centenas delas são tecidas em uma luva feita de folhas (que se assemelha a uma grande luva de forno), com o ferrão voltado para dentro. Quando as formigas recuperam a consciência, um menino coloca a luva em sua mão, com o objetivo de mantê-la por dez minutos completos (SANTOS; CARVALHO, 2022). Quando terminar, a mão do menino e parte de seu braço ficam temporariamente paralisados devido ao veneno da formiga, e ele pode tremer incontrolavelmente por algum tempo. A única “proteção” fornecida é uma camada de resina do cajueiro nas mãos, supostamente para confundir as formigas e inibir sua picada. Durante toda a cerimônia cada participante junta-se numa dança de grupo apoiada pelos outros.

2.2 A abordagem funcionalista-estrutural

Segundo Azevedo (2015), a linguagem humana se articula de duas maneiras. Cada uma das unidades ou signos linguísticos é dotada de som e significado: estamos diante da primeira articulação da linguagem. Segundo o autor, as experiências vividas, as necessidades que uma pessoa quer revelar aos outros, são analisadas como uma série de unidades, cada uma com uma forma e um significado sonoros. Os produtos fonéticos referem-se às segundas articulações de uma língua que se distinguem entre si para obter a forma vocal das primeiras unidades articulatórias.

Para Tavares (2021), os signos linguísticos são *monemas*, unidades minimamente significativas correspondentes à primeira articulação e participantes do vocabulário ou gramática da língua: *lexemas* e *morfemas*, respectivamente. Os *lexemas* participam de uma lista aberta porque os idiomas permitem que novas entidades sejam criadas ou emprestadas para possibilitar uma comunicação eficiente entre seus falantes. Ao contrário, os *morfemas* estão incluídos na lista fechada porque correspondem ao sistema gramatical da língua e, portanto, existem em número certo e limitado. Assim como os *morfemas*, as segundas unidades de articulação também participam de uma lista fechada, ou seja, o estoque de fonemas na língua é finito, o que garante sua natureza econômica.

Assim, Carneiro, Colares e Sousa (2021) afirmam que a linguagem é uma ferramenta de comunicação, segundo a qual a experiência humana é analisada de diferentes maneiras de comunidade para comunidade em unidades dotadas de conteúdo semântico e expressão fonética - *monemas*; essa expressão fonética, por sua vez, é articulada por unidades separadas e sucessivas, *fonemas*, que têm um número fixo em cada língua e cuja natureza e relações também diferem de língua para língua.

Segundo Spoladore (2011), as línguas organizam as experiências e o conhecimento de mundo de seus falantes. Ao longo da história, as línguas se tornaram não apenas o reflexo da cultura de seus falantes, mas parte intrínseca de suas culturas, de modo que, ao perder a sua língua, um povo perde aspectos culturais importantes, os quais lhe identificam

e lhes diferenciam de outros povos.

Sendo a linguagem resultante da “vida em sociedade”, Miquiles e Castro (2022) a considera instituição humana, passível de alterações por dois motivos principais: (1) a fim de satisfazer as necessidades comunicativas de um grupo; e/ou (2) a partir da proximidade de dois ou mais grupos que se influenciam. Entretanto, as alterações sofridas por uma língua ao longo do tempo não são bruscas e nem desordenadas, ao contrário, as línguas são mantidas em “bom estado” devido à importância que lhes atribuem os falantes: é mediante a linguagem que “a necessidade de se fazer compreender” dos indivíduos é satisfeita. Ao observar as modificações sofridas por uma língua ao longo do tempo, estamos diante de um estudo diacrônico.

Todavia, segundo Silva (2010), aos estudos linguísticos descritivos convém adotar uma perspectiva de caráter sincrônico, isto é, que direciona o linguista à observação do funcionamento de uma língua em um momento histórico específico, uma vez que é levado a optar por “um ponto no eixo do tempo”. Nas palavras do autor, é conveniente que ao estudar um instrumento, se comece por observar a maneira como ele funciona, antes de averiguar de que modo e por que razões ele se modifica ao longo do tempo.

Os trabalhos linguísticos de documentação e descrição contribuem efetivamente para o conhecimento das línguas. Para Azevedo (2015), antes de inventado o fonógrafo, qualquer signo vocal ou era imediatamente ouvido ou se perdia para sempre. Pelo contrário, o signo escrito conservava-se enquanto se conservassem o seu suporte – pedra, pergaminho, papel – e os traços nele deixados. Embora o autor evidencie o caráter primeiro das unidades da linguagem humana, o caráter vocal, atenta-nos para o “caráter definitivo” da escrita, responsável por seu prestígio.

Segundo Tavares (2021), a linguagem objeto da linguística, só existe na forma de línguas diversas, e, portanto, a primeira preocupação do linguista consistirá em estudar tais línguas. A documentação das línguas impede que sejam extintas se também o forem os seus falantes. A título de exemplo, havia aproximadamente 1.200 línguas indígenas brasileiras no ano de 1500, entretanto, a partir do extermínio de muitos povos, tem-se, atualmente, cerca de 180 línguas indígenas no Brasil.

A grande maioria dessas línguas se perdeu sem que fossem documentadas, fato que gerou o enfraquecimento da diversidade tanto linguística quanto cultural, parte da riqueza mundial. Segundo Carneiro, Colares e Sousa (2021), cada língua constitui exemplar único, parte intrínseca da cultura, da sociedade e visão do mundo a que está ligada, e sua perda está associada à perda da cultura e, conseqüentemente, do sistema de conhecimentos que ela reflete e expressa.

O aprendizado de idiomas também depende de sua documentação. É ideal para os

linguistas que fazem este trabalho apresentarem suas descobertas a falantes nativos de sua língua de estudo. Com base nisso, é possível desenvolver trabalhos de preservação e fortalecimento da língua, por exemplo, por meio de uma estratégia pedagógica de criação de material didático que contribua para a melhoria do ensino da língua nativa. Segundo Spoladore (2011), para os cientistas que buscam entender como funciona a linguagem humana, a documentação e a descrição das linguagens servirão como fontes de dados, entre outras coisas, para subsidiar o trabalho de desenvolvimento da teoria.

No que diz respeito aos procedimentos de documentação e descrição das línguas indígenas, Miquiles e Castro (2022) afirmam que eles são essenciais para a linguística brasileira, pois o conhecimento de cada uma delas permite abandonar conceitos consolidados imprecisos e avançar no processo de compreensão da língua. Segundo o autor: Cada estrutura linguística recém-descoberta pode nos levar a mudar conceitos previamente estabelecidos e pode abrir novos horizontes para que consideremos o fenômeno geral da linguagem humana.

3 | ASPECTOS ETNOLINGÜÍSTICOS SATERÉ-MAWÉ

A língua indígena do Sateré-Mawé é igual a qualquer outra língua em termos de etnolinguística relacionada à sociedade, cultura e língua. A etnolinguística atua no processo de análise, que inclui a linguagem com o princípio da cultura sacerdotal e, como já mencionado, também a sociedade, para compreender o indivíduo indígena em seu habitat. Sabemos que essa língua representa uma estrutura muito rica de suas raízes étnicas, que vão desde o contexto histórico de seu povo até a experiência moderna, falada por cerca de 7.500 povos indígenas que vivem em uma região geopolítica denominada Médio Amazonas. Esta região é delimitada pelos municípios de Barreirinha, Parintins e Maués (AZEVEDO, 2015).

Ainda é comum ver muitos índios falando sua própria língua na periferia da cidade chamada Praça do Caixão, onde muitos barcos, incluindo comunidades indígenas, ancoram na orla. Ao mesmo tempo, na comunicação, você pode ouvir que eles usam português e sateré. Por um lado, serve para preservar a cultura e a língua desses povos, por outro lado, com o desenvolvimento da tecnologia, tem incentivado muitos indígenas a ingressar no espaço acadêmico através da interiorização das universidades UFAM e UEA, usufruindo do direito ao ensino superior, pelo qual trabalharam arduamente para garantir (CARNEIRO; COLARES; SOUSA, 2021).

As terras indígenas do Rio Marau abrigam um número significativo de indígenas que preservam cuidadosamente a cultura e a língua Sateré-Mawé em suas comunidades, além dos ensinamentos que foram passados de geração em geração e continuam a viver

entre os Sateré. e são materiais e recursos naturais que são significativamente extraídos da natureza para serem preservados com outros herdeiros da herança étnica e seus elementos sociais e culturais cotidianos.

É fundamental desenvolver mecanismos de intervenção para ampliar e valorizar o conhecimento etnolinguístico em áreas urbanas, a fim de aproximar ainda mais a sociedade das perspectivas linguísticas e culturais dos mais de 8.000 índios que vivem nas Terras Indígenas. Atualmente, essa língua é falada por cerca de 80% da população sateré que vive nas terras ancestrais de Andirá e Marau. É utilizado no cotidiano das comunidades: na família, nas tertúlias, no trabalho comunitário, nas reuniões e tertúlias. A língua materna Sateré-Mawé não é apenas um meio de comunicação utilizado entre os povos indígenas, é parte da vivência na família, ou seja, no berço de onde se extraem os primeiros conhecimentos e formação social de cada índio. convivência com o povo (AZEVEDO, 2015).

Ao trabalhar a língua dos povos indígenas, devemos levar em conta o contexto cultural que está entrelaçado com o ensino/aprendizagem dos povos indígenas em seu cotidiano. Deste ponto de vista, a definição de linguagem indica que ela é uma ferramenta extremamente importante usada por uma comunidade linguística real, um sistema comum de associações arbitrárias de forma e conteúdo; e compartilha uma perspectiva histórica que aponta para a necessidade de relacionar o linguístico com o social, uma vez que a história de Sateré é vista do ponto de vista etnolinguístico como ponto de partida para a aquisição integral da linguagem em Maués/AM (CARNEIRO; COLARES; SOUSA, 2021).

As relações entre a língua sateré-mawé e os povos aborígenes estão em grande parte relacionadas ao berço mawé, que se manifesta na caça, pesca, lavoura e reuniões realizadas nas comunidades rurais indígenas. Assim, os aspectos mediados na língua sateré são considerados coletivamente, e não apenas fragmentos reunidos, pois a linguagem permite mostrar elementos que estão amplamente conectados, como sugere a etnolinguística, ou seja, não dá o contexto social e cultural que é inteiramente composto em uma abordagem linguística (SPOLADORE, 2011).

Tudo o que possui é expresso através da linguagem; mas a própria linguagem também é um dado cultural. Quando um antropólogo estuda uma cultura, ele corretamente vê a linguagem como um aspecto dessa cultura. Nesse sentido, é um fragmento que remonta a uma imagem em miniatura de toda a cultura. Além disso, como elemento de cultura, a língua tem um aspecto muito estranho, pois não é em si uma coisa cultural, como religião, organização familiar, arte, pesca etc.; serve apenas dentro de uma cultura como meio de sua representação e comunicação, conhecer a cultura étnica e seus aspectos relacionados à língua em questão, levando em consideração o espaço em que as pessoas

vivem e o modo de vida dos povos indígenas. No entanto, vale ressaltar que a linguagem não deve ser esquecida.

Portanto, é necessário tomar medidas que visem o fortalecimento da língua não só no meio acadêmico do Maue, mas também na sociedade. Tornar as pessoas conscientes da sua identidade linguística e interessar-se por ela. A etnolinguística desempenha um papel muito importante em relação às línguas, pois lida não apenas com a diversidade, que é potencializada pelo processo de mudança da estrutura dos povos indígenas, mas também com mudanças divergentes no contexto linguístico. O fato de a etnolinguística não analisar um fato linguístico isoladamente, mas sempre relacioná-lo com o contexto em que foi produzido, levando em consideração dados não linguísticos. Assim, a etnolinguística se posiciona para analisar os elementos originais presentes na língua sateré e seu espaço social (SPOLADORE, 2011).

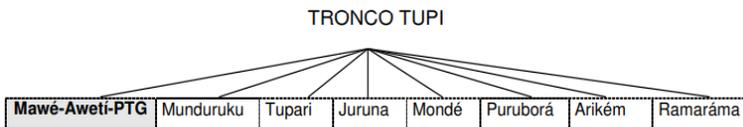
4 I FILIAÇÃO GENÉTICA E DENOMINAÇÕES

A língua Sateré-Mawé não possui uma classificação genética clara. Rodriguez originalmente o classificou como membro da família Tupi-Guarani em um artigo de 1958 sobre a classificação genética da tribo Tupi. Em 1958, como parte da classificação dos povos indígenas do Brasil, revisou sua classificação e constatou que não pertenciam a esta família. Mais tarde, ele conclui:

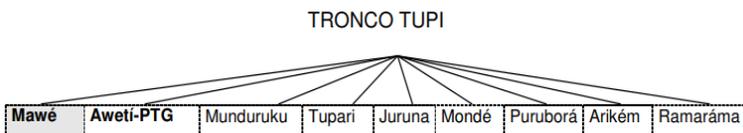
Até agora, tanto Aveti quanto Mawe pertenciam à família Tupi-Guarani. No entanto, um melhor conhecimento de ambas deixa claro que cada uma delas é tão diferente à sua maneira de todas as outras línguas desta família que sua conexão com elas deve ser buscada em outro nível (RODRIGUES, 1984, p. 35).

Com base em dados lexicais e fonológicos, Rodriguez e Dietrich (1997, p. 256) levantam a hipótese de que originalmente havia um ramo formado por Mawé-Awetí-PTG¹ juntamente com outras famílias do tronco Tupi, conforme demonstrado abaixo:

1. Proto-Tupi-Guarani



Os autores consideram que houve duas separações no conjunto Mawé-Aweti-PTG. Num primeiro momento, separou-se a **família Mawé**:



Posteriormente, houve a separação entre **Aweti** e **PTG**, resultando na atual configuração do tronco linguístico Tupi.

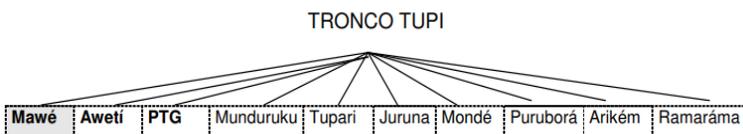


Figura 1: famílias do tronco

Fonte: Silva (2010)

Estudos comparativos mais recentes dos Tupi parecem corroborar a hipótese original de Rodriguez e Dietrich. Segundo Tavares (2021), analisando palavras cognatas da lista Swadesh19 pode-se estabelecer um pedigree. Ao comparar as unidades lexicais do subgrupo Maweti-Guaraní com outras línguas tupi, verificou-se que o percentual de unidades relacionadas é de cerca de 30%. Comparando os mesmos artigos com os idiomas do subgrupo, esse percentual aumenta para 50% e chega a 70% em relação aos idiomas da família tupi-guarani.

No entanto, Tavares (2021) contesta a configuração de separação postulada por Rodriguez e Dietrich. Para este autor, a hipótese de configuração mais aceitável, dada a porcentagem de línguas cognatas do subgrupo Maweti-Guarani, de que as cisões ocorreram ao mesmo tempo ou muito próximas, é tão próxima que não ocorreram alterações linguísticas significativas. Drude considera praticamente impossível dividir dentro de um subgrupo. Portanto, todos os três têm mais ou menos a mesma configuração, conforme mostrado abaixo:

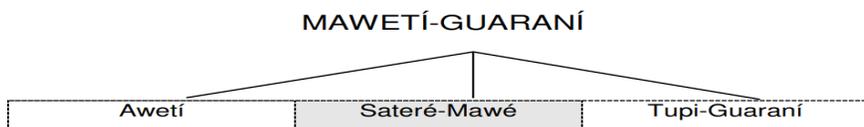


Figura 2: Mawetí-Guaraní

Fonte: Silva (2010)

Também é importante considerar que a língua Sateré-Mawé sofreu uma forte influência lexical Nheengatu desde o início do século XVII, especialmente na região do rio Andirá. Uma das formas de expandir e/ou adaptar o vocabulário da língua são os empréstimos e neologismos. Esses processos geralmente ocorrem em situações de contato entre línguas (SPOLADORE, 2011).

A influência do nheengatu é facilmente percebida no léxico Sateré-Mawé. Existem basicamente dois tipos. A primeira corresponde às palavras incluídas no léxico inalterado. E o segundo - para palavras adaptadas ao sistema de linguagem Sateré-Mawé. O primeiro modo de inclusão é mais comum e, pelo que observei em campo, o locutor não identifica o empréstimo. Entre as palavras encontramos apukuita “remo”, kuya “kuya”, jakare “jacaré”, kumana “feijão”, purure “enxada” (SPOLADORE, 2011). O segundo tipo é reduzido e geralmente apresenta alterações fonológicas, conforme tabela abaixo:

	Sateré-Mawé	Nheengatu	
(1)	[awati]	[awatʃi]	‘milho’
(2)	[iʔi]	[iʔi]	‘água’
(3)	[tapiʔia]	[tapuja]	‘índio’
(4)	[muka]	[mukawa]	‘espingarda’
(5)	[pisanã]	[piʃana]	‘gato’
(6)	[tupana]	[tupã]	‘Deus/divindade’
(7)	[kapiwara]	[kapiwara]	‘capivara’
(8)	[kusiũ]	[kuʃiw]	‘macaco-cuxiú’

Figura 3: Léxico comparativo Sateré-Mawé/Nheengatu

Fonte: Silva (2010)

É interessante notar que nos exemplos acima, as palavras muka e pisanã referem-se a conceitos típicos não indígenas, provavelmente usados por mestiços e missionários. Outra observação é como o empréstimo foi concedido. É difícil determinar se esta palavra foi introduzida na língua Sateré-Mawé diretamente do Nheengatu devido ao histórico de

contato entre as línguas ou se originou-se da língua portuguesa. As palavras Capivara e Caju, por exemplo, são emprestadas da Língua Geral para o português. Daí a dificuldade em determinar as vias pelas quais o crédito era feito (SANTOS; CARVALHO, 2022).

CONSIDERAÇÕES

As línguas possuem uma estrutura própria, que é uma composição linguística peculiar de cada povo falante da comunidade de uma determinada língua. Isso nos leva a entender que existem diferentes línguas no mundo, sejam elas línguas indígenas ou línguas não indígenas. Essa diversidade de idiomas nos torna uma necessidade, pois as pessoas se comunicam no mesmo idioma, o que significa que para se comunicar com outras pessoas que falam um idioma diferente, ambos devem conhecer o idioma no encontro. Porque a língua é fundamental para o indivíduo, cada nação pratica sua língua materna em sua comunidade, porque a língua é identidade.

Assim, os Sateré-Mawé têm uma comunidade falante que pratica a sua língua materna no seu dia-a-dia nas comunidades, oralmente ou por escrito nas escolas comunitárias. Esta parte sobre cumprimentos e saudações é importante para apresentar às pessoas que se deparam com este idioma pela primeira vez, pois ao entrar em um contexto diferente, devemos primeiro conhecer pelo menos o básico do idioma.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.

CARNEIRO, Denize de Souza; COLARES, Paula de Mattos; SOUSA, Crislaine Castro de. Realidade linguística de estudantes indígenas em uma universidade Amazônica. **Tellus**, Campo Grande, MS, v.21, n.45, p. 115-142, 2021. Disponível em: <https://tellus.ucdb.br/tellus/article/download/763/799>. Acessado em: 08 de outubro de 2022.

MIQUILES, Miller; CASTRO, Franklin Roosevelt Martins de. **Glossário lexical da língua Sateré-Mawé**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/5989/1/Gloss%C3%A1rio%20lexical%20da%20l%C3%ADngua%20Sater%C3%A9-maw%C3%A9%20%281%29.pdf>. Acessado em: 05 de outubro de 2022.

RODRIGUES, Ayron Dall'gna. Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **D.E.L.T.A.**, v.9, n.1, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>. Acessado em: 05 de outubro de 2022.

SANTOS, Jomara Souza dos; CARVALHO, Luis Alberto Mendes de. Fortalecimento de língua autóctone: Sateré-Mawé em ação em Maués/AM. **Universidade do Estado do Amazonas**, 2022. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3918>. Acessado em: 05 de outubro de 2022.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. **Estudo morfossintático da língua Sateré-Mawé**. 2010. 328 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2010.

SPOLADORE, Fernanda Ferreira. **A interrogação em Sateré-Mawé**. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2011.

TAVARES, Eldio Costa. **Sociolinguística - desvelando o preconceito linguístico: os jovens Sateré-Mawé “sem-língua”**. 2021. 102 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, 2021.



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

**Atena**
Editora
Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br